

A interculturalidade no tratamento midiático das migrações: dos guias de comunicação à percepção dos migrantes*



Marília Moreira Ravanello**
Liliane Dutra Brignol***

Recibido: 2024-03-15 • Enviado a pares: 2024-03-20
Aprobado por pares: 2024-06-11 • Aceptado: 2024-06-18
<https://doi.org/10.22395/angr.v23n46a02>

Resumo

O artigo parte da compreensão do papel fundamental que a mídia assume na construção do imaginário social a respeito das migrações, o que torna essencial que a produção de conteúdos seja fundamentada em uma comunicação ética e intercultural. Este trabalho é parte de uma pesquisa que objetivou investigar os parâmetros éticos propostos por guias voltados à comunicação sobre as migrações e os processos de recepção do tratamento midiático das migrações por parte de pessoas migrantes. Neste texto, discutem-se os caminhos para uma abordagem intercultural no tratamento midiático das migrações, ou seja, que respeite e reconheça a alteridade e promova espaços para o diálogo entre culturas. As reflexões sobre a interculturalidade na mídia são aqui pensadas a partir de duas frentes: uma pesquisa documental, empreendida em dez guias voltados à comunicação sobre as migrações, e um estudo de recepção, realizado junto a nove migrantes residentes no Brasil. A pesquisa revela que os guias trazem orientações para a construção de narrativas midiáticas que desafiem a estereotipagem, combatam a xenofobia e os discursos de ódio. Além disso, e em caminho oposto, a percepção dos entrevistados é que os discursos que tratam da alteridade migrante são construídos a partir de visões majoritariamente estereotipadas, em que o migrante é vitimizado, subalternizado ou visto como ameaça. Há, entretanto, diferentes formas para narrar as migrações: tanto as perspectivas dos guias quanto as expectativas dos migrantes apontam para uma comunicação

* Artigo resultado de dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com pesquisa financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

** Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: marilia.ravanello@acad.ufsm.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1470-5286>

*** Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: liliane.brignol@ufsm.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7323-038X>

mobilizadora, mais adequada e comprometida com a temática migratória, considerada um dos desafios sociais da atualidade.

Palavras-chave: interculturalidade; migrantes; guias de comunicação; tratamento midiático das migrações.

Interculturality in the Media Treatment of Migration: From Communication Guides to Migrants' Perceptions

Abstract

The article draws from understanding the fundamental role played by the media in constructing the social imaginary of migration, which makes it essential that content production complies with ethical and intercultural communication guidelines. This paper is part of a research work that aimed to inquire into the ethical parameters proposed by guides focused on communication about migration and the processes of reception of the media treatment of migration by migrant people. This text discusses the paths towards an intercultural approach in the media treatment of migration, that is, one that respects and recognizes otherness and promotes spaces for dialogue between cultures. Reflections on interculturality in the media are considered here from two fronts: a documentary research work, undertaken in ten guides on communication about migration, and a reception study carried out with nine migrants living in Brazil. Findings suggest that the guides help in the construction of media narratives challenging stereotypes, fighting xenophobia and hate speech. Furthermore, and in the opposite direction, the perception of those interviewed is that the discourses that deal with migrant otherness are constructed from mostly stereotypical views, in which the migrant is victimized, subordinated or seen as a threat. There are, however, different ways of narrating migrations: both the guides' perspectives and the migrants' expectations point to a mobilizing communication, more appropriate and committed to the migration theme, which is considered one of today's social challenges.

Keywords: interculturality; migrants; communication guides; media treatment of migrations.

La interculturalidad en el tratamiento mediático de las migraciones: de las guías de comunicación a la percepción de los migrantes

Resumen

Este artículo parte de la comprensión del papel fundamental que desempeñan los medios de comunicación en la construcción del imaginario social sobre la migración. Eso hace imprescindible una producción de contenidos basada en una comunicación ética e intercultural. Este trabajo es parte de una investigación cuyo objetivo fue investigar los parámetros éticos propuestos por guías enfocadas en la comunicación sobre la migración y los procesos de recepción del tratamiento mediático de la migración por parte de las personas migrantes. En este texto se discuten los caminos hacia un enfoque intercultural en el tratamiento mediático de la migración, es decir, que respete y reconozca la alteridad y promueva espacios de diálogo entre culturas. Las reflexiones sobre la interculturalidad en los medios de comunicación se plantean aquí desde dos frentes: una investigación documental, realizada por medio de diez guías centradas en la comunicación sobre la migración, y un estudio de recepción, realizado con nueve inmigrantes residentes en Brasil. La investigación revela que las guías brindan orientación para la construcción de narrativas mediáticas que desafíen los estereotipos y combatan la xenofobia y el discurso de odio. Además, y en sentido contrario, la percepción de los entrevistados es que los discursos que abordan la alteridad de los migrantes se construyen a partir de visiones mayoritariamente estereotipadas, en las que el migrante es victimizado, subordinado o visto como una amenaza. Sin embargo, existen diferentes formas de narrar las migraciones: tanto las perspectivas de los guías como las expectativas de los migrantes apuntan a una comunicación movilizadora, más adecuada y comprometida con el tema de la migración, considerado uno de los desafíos sociales actuales.

Palabras clave: interculturalidad; migrantes; guías de comunicación; tratamiento mediático de las migraciones.

1 Introdução

Os processos comunicacionais, como aponta Alejandro Grimson (2001), estão inscritos em uma dimensão sociocultural. A interpretação das mensagens surge, segundo o autor, dos contextos histórico e social e de disputas que são mais amplas do que as circunstâncias englobadas pela mídia. Ainda assim, a mídia é um espaço privilegiado que "contribui com nossa capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados" (Silverstone, 2005, p. 13), o que justifica o nosso interesse de reflexão sobre a perspectiva da interculturalidade a partir de sua dimensão interacional e midiática.

Em diálogo com Hugo Aznar (2005), entendemos que a mídia configura simbolicamente a sociedade em que vivemos, já não tendo somente as funções de informar e orientar a opinião pública, mas alcançando diferentes papéis, como os de educar e conscientizar a sociedade. Além disso, a mídia goza de uma posição de privilégio não comparável a nenhuma outra esfera de atividade ou instituição, devido à liberdade de expressão, crítica e criação, que se utilizadas de forma pouco responsável, podem reforçar preconceitos e estereótipos. É nesse contexto de configuração da sociedade e de uma comunicação que vai além da transmissão da informação que queremos discutir a interculturalidade no tratamento midiático das migrações.

Os movimentos migratórios têm sido investigados por diferentes áreas do conhecimento, sendo os pesquisadores da área da Comunicação os principais a analisar os discursos midiáticos sobre as migrações e sobre as pessoas migrantes. Para Abdelmalek Sayad (1998), falar das migrações é abordar a sociedade em sua totalidade, a partir de seu funcionamento, de suas estruturas, de sua formação e de sua perspectiva histórica. Apesar desse caráter constitutivo das sociedades, os discursos sobre a temática migratória acabam trazendo, na maioria das vezes, uma versão negativa a respeito das migrações, dificultando atrelar os sujeitos migrantes a outro imaginário que não seja o do problema, da violência e da ilegalidade (Escudero, 2020; Espinel-Rubio *et al.*, 2021; Pogliano, 2016).

Ao permear espaços públicos e privados, "as mídias são os principais locais institucionais onde as representações sociais são construídas" (Couldry, 2006, p. 101). A construção de discursos de diferenciação do outro e a criação de padrões para se referir a determinadas minorias são recorrentes na mídia, que acaba por construir formas de representação dos sujeitos (Hall, 2016). É por meio dos espaços midiáticos que são colocados em circulação sentidos já existentes e produzidos novos significados. Assim, considerando que quase tudo que se sabe sobre as migrações chega para o grande público através das diferentes mídias, podemos dizer que a mídia tem um papel fundamental na construção do imaginário social a respeito das migrações.

Nem todos os processos migratórios ou as questões envolvendo pessoas migrantes são conhecidos pela população em geral. Alguns movimentos acabam por ser mais evidenciados pela mídia e parecem ter mais impacto, como os fluxos de pessoas migrantes que têm como destino países do norte global, com desenvolvimento econômico mais expressivo, e os deslocamentos relacionados a conflitos, guerras, perseguições e desastres ambientais. Apesar de mudanças ocorridas recentemente, que destacam a integração dos migrantes na sociedade (Brignol & Costa, 2018; Cogo & Riegel, 2016), os discursos sobre as migrações estão atrelados historicamente a um imaginário que remete à desordem, com episódios de discriminação e xenofobia. Diferentes estudos salientam, ainda, que há uma ênfase midiática na quantificação da migração (Cogo, 2001), e que a utilização dos números referentes à chegada e ao crescimento da população migrante nos países têm o objetivo de associar as migrações a problemas (Van Dijk, 2005), o que pode gerar um sentimento de medo na sociedade (Brignol & Costa, 2018).

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado que objetivou investigar os processos de recepção do tratamento midiático das migrações por parte de pessoas migrantes a partir de aspectos éticos e interculturais. Na pesquisa, atuamos em duas frentes, abordadas neste recorte: uma pesquisa documental em guias de comunicação sobre as migrações e uma pesquisa de recepção com pessoas migrantes. Aqui, temos como objetivo discutir os caminhos para uma abordagem intercultural no tratamento midiático das migrações em diálogo com a forma como a interculturalidade é percebida por sujeitos migrantes.

Para discutir a interculturalidade no tratamento midiático das migrações, optamos por considerar as recomendações presentes em guias de comunicação sobre a temática migratória como parâmetros éticos para uma comunicação mais adequada. A partir de suas experiências como migrantes, investigamos as percepções dos interlocutores de nossa pesquisa sobre a interculturalidade que permeia o tratamento midiático das migrações.

Seguindo esta introdução, apresentamos a metodologia do artigo, com destaque para as duas frentes da pesquisa empírica. Em seguida, examinamos os conceitos que norteiam nosso referencial teórico - interculturalidade e comunicação intercultural. Os resultados e a discussão são abordados em conjunto e o artigo é finalizado com as considerações finais que sintetizam os achados do trabalho e apontam para desafios na área.

2 Metodologia

Para construir as reflexões sobre interculturalidade no tratamento midiático das migrações, partimos de uma abordagem qualitativa que englobou pesquisa teórica e empírica, utilizando diferentes procedimentos no desenho da investigação. O fazer pesquisa acompanhado de um caráter político, apoiado em autores que se preocupam em compreender e questionar as relações entre cultura e sociedade atravessadas por relações de poder, levaram-nos, principalmente, aos estudos culturais latino-americanos para construir o percurso teórico-metodológico desta pesquisa. A pesquisa empírica foi conduzida em duas frentes: uma pesquisa documental e um estudo de recepção.

2.1 Pesquisa documental – guias de comunicação sobre as migrações

O primeiro encontro com a empiria se deu através de uma pesquisa documental empreendida em guias e manuais voltados à comunicação sobre as migrações. Como ponto de partida, definimos que os guias precisariam estar disponibilizados de forma gratuita na internet. Frente ao caráter transnacional das mídias – e em linha com o contato com a empiria, explicado em seguida –, optamos por analisar guias publicados em português, inglês ou espanhol e com diferentes abrangências geográficas. Posteriormente, escolhemos terminologias (esquematizadas no Quadro 1) presentes em guias que já tínhamos contato para empreender a busca, realizada quase sempre de forma agrupada, com variações no singular e no plural e traduzidas para os três idiomas. Como mecanismo de busca, utilizamos o Google, que nos levou a sites governamentais, intergovernamentais, de diferentes organizações da sociedade civil e de associações e grupos de mídia.

Quadro 1: Termos utilizados para a busca dos guias

<i>Termos</i>			
Guia	Comunicação	Comunicadores	Migrações
Manual	Mídia	Jornalistas	Migrantes
Código	Jornalismo	Profissionais	Refugiados
Recomendações			
Orientações			

Consideramos como amostra todos os guias que atenderam as especificações citadas. Foram desconsiderados sites e blogs que não tinham um material em formato de apostila ou e-book; materiais do campo científico – livros, relatórios, dossiês, periódicos e artigos – não direcionados a instituições midiáticas, jornalistas, produtores de conteúdo, comunicadores ou demais atores sociais envolvidos com a temática; e materiais que não pudemos verificar se estavam em domínio público ou ainda eram válidos.

Na primeira etapa da pesquisa documental, foram catalogados 43 materiais, sendo considerados: ano de publicação; abrangência; organização responsável e autoria; e público-alvo. Frente aos objetivos da pesquisa e à extensão da amostra, optamos por reduzi-la a partir de critérios de inclusão, levando em consideração o contexto migratório no Brasil; a relevância da questão migratória nos países em geral; a relação com alguns interlocutores migrantes e a autoria dos guias. Assim, a segunda etapa da pesquisa contemplou um guia global e um de cada continente; um produzido na Espanha – país com maior número de guias na primeira seleção; um apoiado ou produzido por poderes públicos; um apoiado ou produzido por agências da ONU; um voltado à abordagem de pessoas refugiadas; um voltado à migração de venezuelanos; e os guias produzidos no Brasil. Como os materiais coincidem em alguns critérios, fechamos em uma amostra de dez guias, conforme Quadro 2.

Quadro 2: Guias de comunicação sobre as migrações

Guia	Ano	Título	Abrangência
1	2022	<i>Guía didáctica para el correcto tratamiento mediático de las migraciones</i>	Comunidade Autônoma de Aragón
2	2021	<i>A freelancer's guide to reporting on refugees and migration</i>	Europa
3	2021	<i>¿Cómo comunicar la migración venezolana en Colombia?</i>	Colômbia
4	2021	<i>Toolkit: Reporting Migration in Pakistan</i>	Paquistão
5	2020	<i>Cobertura Jornalística Humanitária – Guia do ACNUR para profissionais e estudantes de comunicação</i>	Brasil
6	2020	<i>Reporting on Migration – A Handbook for Journalists in West Africa</i>	Oeste e Centro da África
7	2019	<i>Migrações, Refúgio e Apatridia – Guia para Comunicadores</i>	Brasil
8	2018	<i>Comunicación sobre las migraciones</i>	Espanha
9	2018	<i>Covering Refugee Stories</i>	Global
10	2013	<i>Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores: Migrantes no Brasil</i>	Brasil

Para a análise do conteúdo dos guias, utilizamos como referência o último guia lançado no Brasil, *Cobertura Jornalística Humanitária – Guia do ACNUR para profissionais e estudantes de comunicação*. Elencamos algumas informações que, em nossa compreensão, têm mais impacto tanto no tratamento midiático das migrações quanto na percepção dos migrantes acerca desse tratamento. Com base nesses dados, definimos dois eixos temáticos para sistematizar a análise dos parâmetros éticos: Atuação Profissional e Produção de Conteúdo.

2.2 Estudo de recepção – pessoas migrantes residentes no Brasil

O segundo encontro com a empiria foi estruturado em um estudo de recepção com pessoas migrantes residentes no Brasil, tendo como procedimento metodológico

uma entrevista semiaberta (Duarte, 2010). Para Itania Gomes (2004), os estudos de recepção são caracterizados por buscar entender, no processo comunicativo, o lugar do receptor como sujeito ativo. Em nossa trajetória de pesquisa, compreendemos a recepção a partir de Jesús Martín-Barbero (2002), como sendo o lugar de rever e de repensar a comunicação em todo o seu processo. Nesse lugar estão os sujeitos – nesta pesquisa, pessoas migrantes –, que o tempo todo produzem e negociam sentidos, contextualizados “na complexidade das relações sociais com a coletividade, no cotidiano, nas instituições, nas relações de poder, nas relações de classe, nos conflitos, nos discursos e nas mídias” (Figaro & Grohmann, 2015, p. 5).

O roteiro da entrevista foi construído a partir de um perfil sociodemográfico e de três eixos: dimensão intercultural, repertório/consumo de mídia e mídia e migrações. O perfil sociodemográfico traz questões gerais sobre os sujeitos migrantes: a idade com que o entrevistado saiu de seu país de nascimento; com quem migrou; os países em que esteve em sua trajetória migratória; o período que está no Brasil e com quem reside no país; nível de escolaridade e atividade profissional, tanto no país de nascimento quanto no Brasil. O eixo dimensão intercultural aborda as vivências interculturais dos sujeitos: participação em coletivos; aspectos culturais que carrega consigo em sua trajetória migratória; a adoção de aspectos culturais brasileiros; orientação religiosa; e questões relativas à integração e ao acolhimento na sociedade brasileira. O eixo repertório/consumo de mídia traz questões sobre o acesso e a presença de tecnologias e de mídias no cotidiano dos sujeitos, tanto no Brasil quanto em seus países de nascimento, bem como sobre o consumo midiático. O terceiro eixo, mídia e migrações, aborda novamente o consumo, dessa vez voltado ao conteúdo sobre as migrações, e o tratamento midiático das migrações em geral.

A temática migratória vem sendo abordada em diferentes áreas do campo midiático e em diversos produtos para informação e entretenimento, como reportagens, novelas, podcasts, documentários, entre outros. Considerando que as especificidades desses produtos não interessavam individualmente para a pesquisa, optamos por não definir nenhum produto midiático em que as migrações são tema, mas abordar o tratamento midiático das migrações em geral. Além disso, buscamos contemplar “as experiências de multiterritorialidade experimentadas pelos migrantes e nem sempre explicadas por suas vinculações a territórios e matrizes relacionados exclusivamente ao nacional e à nacionalidade” (Cogo & Brignol; 2014, p. 17). Levando em conta a condição transnacional que é inerente às pessoas migrantes, optamos por não definir essas mídias a partir de uma região geográfica específica e delimitada. Tal decisão partiu, também, de compreendermos a mídia como transnacional – principalmente pós-internet –, podendo alcançar diversas audiências em diferentes localizações. Assim, a pesquisa se orienta a partir da diversidade de conteúdos midiáticos consumidos pelos sujeitos migrantes.

Desde o início da pesquisa, queríamos que os interlocutores tivessem diferentes relações com as mídias. Chegamos, assim, a três perfis de pessoas migrantes a serem entrevistadas. O primeiro perfil, que chamamos de Grupo 1, contempla sujeitos migrantes que produzem – ou que produziram, em algum período de sua trajetória – conteúdos sobre a temática migratória, independente do formato, da vinculação a instituições midiáticas ou da formação acadêmica. O segundo perfil, Grupo 2, contempla sujeitos que já foram acionados pela mídia, em quaisquer gêneros ou produtos midiáticos, para falar sobre sua condição migrante – em reportagens, podcasts, documentários, redes sociais *online* –, desde que não coincidisse com o perfil definido para o Grupo 1. O terceiro perfil, Grupo 3, contempla sujeitos que não tiveram tais relações com a mídia – nunca produziram conteúdos sobre as migrações, tampouco foram acionados pela mídia devido à sua condição migrante.

O contato com os entrevistados se deu de diferentes formas: pessoalmente, com migrantes que fazem parte do nosso círculo de atuação; por meio de redes sociais *online* (Facebook e Twitter) e pelo WhatsApp, intermediado por outros atores sociais (comunicadores, pesquisadores e migrantes) que atuam junto a pessoas migrantes no Brasil. As entrevistas foram realizadas de forma *online* – pelo Google Meet e por chamada de vídeo no WhatsApp – e presencial.

Em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM¹, que garante a não identificação dos entrevistados, bem como assegura sigilo frente à sua participação, criamos pseudônimos para cada um dos entrevistados. Um breve resumo sobre os entrevistados pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3: Pessoas migrantes entrevistadas

<i>Grupo</i>	<i>Pseudônimo</i>	<i>Gênero</i>	<i>País de nascimento</i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>
1	Zuel	Feminino	Venezuela	41	Mestrado
	Conra	Masculino	França	37	Doutorado
	Inter	Masculino	Venezuela	33	Superior Completo
2	Kist	Masculino	Paquistão	28	Superior incompleto – cursando
	Vene	Feminino	Venezuela	41	Mestrado incompleto – cursando
	Rupe	Feminino	Peru	30	Especialização
3	Cote	Masculino	Costa do Marfim	24	Superior incompleto – cursando
	Beni	Masculino	Benim	22	Superior incompleto – cursando
	Bella	Feminino	República do Congo	28	Superior incompleto – cursando

¹ A pesquisa foi submetida na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria (CAAE 68998623.1.0000.5346, parecer 6.052.643).

Foram entrevistados nove migrantes – três de cada grupo: duas mulheres e um homem nascidos na Venezuela, uma mulher nascida no Peru, um homem nascido no Paquistão, um homem nascido na Costa do Marfim, um homem nascido no Benim, uma mulher nascida na República do Congo (Congo-Brazzaville) e um homem nascido na França, mas que se identifica como congolês-francês, por ter sua origem na República Democrática do Congo. A característica migratória Sul-Sul foi uma coincidência, uma vez que em nosso planejamento isso não estava especificado, e reflete uma tendência nos movimentos migratórios mais recentes para o Brasil (Baeninger *et al.*, 2018).

Os entrevistados têm um alto nível de escolaridade: quatro estão no Ensino Superior, um tem o Ensino Superior completo, um tem especialização, um está cursando mestrado, um tem mestrado e um tem doutorado. Com idades entre 22 e 41 anos e com período de residência no Brasil entre dois e quinze anos, os migrantes residem nas cidades de Santa Maria e Ijuí, no Rio Grande do Sul; em Foz do Iguacu, no Paraná; nas cidades de São Paulo e Campinas, em São Paulo; e em João Pessoa, na Paraíba.

3 Sobre interculturalidade e comunicação intercultural

A interculturalidade permeia a vivência das pessoas migrantes e sua construção de vínculos na sociedade recebedora. "Pelas especificidades de sua circulação por distintas dinâmicas culturais, os imigrantes são portadores por excelência de experiências interculturais." Concordamos com Denise Cogo (2001, p. 28) ao pensar na indissociabilidade entre os migrantes e a interculturalidade, "à medida que [os migrantes] protagonizam um intenso e fluído processo de circulação de imagens e representações e de práticas culturais híbridas, envolvendo suas culturas de origem e as das sociedades 'receptoras'" (Cogo, 2001, p. 28).

Como sugerem os estudos de Néstor García Canclini (2009), pensar a interculturalidade é pensar nas relações entre diferentes culturas implicadas em negociações constantes, entrelaçamentos, trocas recíprocas, confrontações e conflitos, originados pelo encontro de identidades culturais, de diferenças e de diferentes. Os sujeitos migrantes, de acordo com Mohammed ElHajji (2023), negociam constantemente novos arranjos identitários, seja pelos seus diferentes deslocamentos – físicos, subjetivos, sociais, culturais, seja pelo pertencimento a diferentes territórios e lugares. Nesse contexto, é importante ressaltar que as identidades culturais dos sujeitos não são estáticas ou fixas, uma vez que há condições históricas e construções que vão moldando o que se reconhece como identidade.

Segundo Grimson (2001, p. 34), "as concepções de identidade não são 'naturais', não estão determinadas nem pelo 'sangue' nem pelo 'local de nascimento' e são produtos de construções, imaginações e invenções incessantes". A própria concepção de

identidade nacional é desafiada por Jeffrey Lesser (2001), que sugere uma hifenização das identidades a partir da apropriação e da incorporação de aspectos culturais da sociedade recebedora por parte dos migrantes, demonstrando múltiplas concepções de pertencimento. Assim, não há grupos que sejam naturalmente ou essencialmente étnicos, raciais ou nacionais. Nesse contexto, Grimson (2001) reforça que as relações de desigualdade são constituídas a partir da diferença, e que é nas relações de poder que se inscrevem as identidades.

Há, segundo Andreas Hackl (2022), uma condicionalidade na inclusão dos migrantes na sociedade recebedora. O reconhecimento dos sujeitos na sociedade, segundo o autor, passa por uma "domesticação" das diferentes identidades, em um processo de dominação das minorias e de aceitação condicional. Os Estados e os grupos dominantes exigem que os migrantes cumpram determinados critérios e adquiram competências para serem aceitos como "civis", úteis e bons. Nesse contexto, como critica o autor, a cidadania condicional é direcionada ao bom migrante, ao migrante que batalhou, em um pertencimento meritocrático. Na prática, o pertencimento está condicionado a uma validação permanente da bondade e dos atos cívicos dos sujeitos migrantes, em um processo contínuo de inclusão seletiva e de exclusão, o que se distancia das perspectivas de integração, de reconhecimento e de igualdade na sociedade.

Para Grimson (2001), o que se espera de um contexto de interculturalidade são transformações estruturais na sociedade, muitas vezes ocorridas por meio dos processos de integração. Como podemos perceber, a interculturalidade atravessa o cotidiano das pessoas migrantes nos âmbitos pessoal, coletivo e político, o que envolve perspectivas de igualdade e de reconhecimento, mas também desigualdades e estranhamentos no encontro com o outro.

A interculturalidade pode ser impulsionada pelos meios de comunicação, apontados por García Canclini (2014) como os recursos políticos e culturais mais transnacionalizados, responsáveis por importantes intercâmbios culturais. A mídia, entretanto, não consegue abranger todas as diferenças e dirimir desigualdades. A globalização implica em concentração de capital simbólico e econômico em poucas empresas e países, responsáveis pela redistribuição da diversidade, e são essas empresas que ditam os novos caminhos culturais e do entretenimento.

As grandes corporações midiáticas, assim como os demais setores produtivos, acabam por privilegiar o viés econômico e não veem a globalização como lugar para o intercultural e para todos os diferentes. As mídias, ainda, preferem dar visibilidade a culturas hegemônicas e a versões de alteridade específicas, aquelas em que é vantajoso aparecerem estigmatizadas ou reconciliadas (García Canclini, 2014). Quando

é de interesse mercadológico, porém, pessoas migrantes podem, rapidamente, tornar-se cidadãos consumidores e integrados à sociedade, em um contexto totalmente oposto à realidade que lhes é imposta frente a questões migratórias (Winocur, 2013).

De acordo com García Canclini (2009), são colocados obstáculos comunicacionais, políticos, jurídicos e socioeconômicos para a interculturalidade, que é vista, por alguns atores sociais, como desestabilizadora para os países. Em um cenário de encontro de povos e de migrações, o autor compreende que a interculturalidade precisa estar acompanhada da compreensão de práticas e de hibridações prósperas, de proteção das diferenças, de reconhecimentos de direitos e de políticas que garantam o exercício da cidadania.

Sendo a comunicação a dimensão que permite o diálogo, o relacionamento e os vínculos entre os sujeitos, a comunicação intercultural assume um papel essencial nesse contexto de interculturalidade. O que compreendemos como comunicação intercultural está relacionado à "prática comunicacional não apenas na sua acepção instrumental de veiculação, transmissão e/ou representação, mas principalmente, em suas conotações de vinculação social, interação simbólica e produção subjetiva" (Escudero, 2019, p. 738).

Para a compreensão das mensagens, é necessário que os interlocutores entendam os códigos uns dos outros. Há questões, porém, que fazem sentido para algumas culturas e não são significativas para outras, podendo inclusive ter interpretações opostas. Tais situações são, por vezes, recorrentes nas vivências das pessoas migrantes: quando "pessoas com diferentes experiências históricas e rotinas da vida cotidiana interagem, muitas dessas assimetrias de significado, características da comunicação intercultural ou intersocietal, surgem de forma aguda" (Grimson, 2001, p. 59). Como reflete Grimson (2001), os problemas da comunicação intercultural são uma versão intensificada dos problemas gerais de comunicação.

Segundo Mary Jane Collier (1989, p. 296), "a comunicação surge como intercultural quando os interlocutores se identificam como diferentes em termos culturais no discurso ou criam impressões uns dos outros como tendo identidades culturais diferentes". Nesse contexto, o reconhecimento da alteridade é questão chave para a comunicação intercultural. Grimson (2001) destaca que existe um caráter relacional na percepção do que é constituído como o "outro", que parte da identificação do que é percebido como "nós". Para o autor, gênero, raça, classe, etnia e nacionalidade são alguns dos parâmetros que orientam essa percepção de alteridade.

O pesquisador Miquel Alsina (1997) aponta que as interpretações de sentido variam de cultura para cultura, e que para compreender o outro, é necessário compreender também a sua incompreensão. Segundo o autor, as sociedades estruturam imagens

umas das outras a partir dos meios de comunicação e do modo como a história sobre os outros povos e as outras culturas foi contada – o que, na maioria das vezes, ocorre a partir de uma perspectiva etnocêntrica. Ainda, para o autor, a construção de uma comunicação eficaz é possibilitada por meio de competências interculturais. Guo-Ming Chen e William Starosta (1996, pp. 358-359) definem essas competências como “a capacidade de negociar significados culturais e de executar adequadamente comportamentos de comunicação eficazes que reconheçam as múltiplas identidades dos interlocutores em um ambiente específico”. Para os autores, é essencial que se encontrem formas de coexistência, de convivência conjunta e de aprendizado a partir de diferentes culturas e de visões de terceiros.

Os estudos de Collier (1989) apresentam competências para a comunicação intercultural que, em nossa visão, podem ser uma possibilidade para atores sociais que se comunicam através de diferentes plataformas e mídias. Para a autora, é fundamental que os interlocutores tenham considerações positivas frente à diversidade, além de uma compreensão cultural geral do mundo e de noção sobre características específicas de diferentes culturas. Ela sugere, também, que os interlocutores melhoram a qualidade de suas experiências na comunicação ao reconhecerem as identidades culturais dos outros e ao aprenderem a respeitar e a negociar os significados de normas e símbolos de diferentes culturas, uma vez que a competência comunicativa é dinâmica e está em aprimoramento constante.

Esse conhecimento a respeito de diferentes culturas é visto como um significativo desafio para Grimson (2001), que aponta que, por vezes, o que os produtores de conteúdo querem é uma interpretação positiva e conveniente frente ao que é veiculado. Em seus estudos, Stuart Hall (2016) analisa a consequência dos discursos midiáticos na sociedade e demonstra como a mídia ajuda a construir e a reforçar estereótipos, que marcam as percepções sobre alteridade e diferença. Os migrantes são frequentemente representados na mídia através de estereótipos, o que tende à simplificação da realidade, à redução das diferenças e à essencialização de características de determinados grupos. Segundo Homi Bhabha (1998), o estereótipo não é considerado uma simplificação por ser uma falsa representação de determinada realidade, mas “porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais” (p. 117, grifo do autor).

4 Resultados e discussão

O olhar para a interculturalidade implica em uma comunicação que reconhece e respeita a alteridade. Nesse sentido, é necessário um horizonte ético para falar sobre o outro e para que as informações sobre as migrações apresentem uma realidade

que contemple, em sua totalidade, a interculturalidade vivida pelos sujeitos em suas trajetórias migratórias e na sociedade recebedora, onde seus planos migratórios começam a se concretizar. É nesse contexto que apresentamos os resultados e a discussão sobre caminhos para uma abordagem intercultural a respeito das migrações na mídia – baseados nos guias de comunicação sobre a temática migratória –, em diálogo com a percepção dos sujeitos migrantes sobre a interculturalidade presente no tratamento midiático.

4.1 A abordagem intercultural nos guias de comunicação sobre as migrações

Em geral, os guias partem de um mesmo lugar: orientar profissionais e demais atores sociais que atuam midiaticamente para um tratamento midiático das migrações mais ético, humanizado e adequado, através da construção de novas narrativas que desafiem a estereotipagem e combatam a xenofobia e os discursos de ódio. Com exceção de um guia, todos foram escritos por ou em parceria com associações de profissionais da mídia ou jornalistas e profissionais de comunicação que atuam em instituições midiáticas ou em espaços acadêmicos. São sujeitos que, como aponta Aznar (2004), compreendem os desafios profissionais e também as possibilidades da atuação midiática.

4.1.1 Atuação profissional

Os guias trazem recomendações sobre o papel de quem irá produzir os conteúdos, versando sobre a conduta profissional, o cuidado com as fontes e o conhecimento necessário a respeito da temática migratória. Um comportamento ético, empático e responsável, baseado em fatos e dados confiáveis, além de um olhar humanizado para as migrações e comprometido com as pessoas migrantes, são as competências recomendadas para a atuação dos comunicadores envolvidos com a temática migratória.

Evidenciando a presença do aspecto humano da migração no tratamento midiático das migrações, todos os guias defendem o protagonismo migrante, em um contexto em que os sujeitos possam contar histórias a partir de suas perspectivas. De acordo com os estudos de Myria Georgiou (2018), quando a voz migrante ganha destaque nas mídias, episódios de dor ou de sofrimento são situados partindo de trajetórias singulares, e fica claro que decorrem das dificuldades encontradas no contexto migratório. Nesse cenário, até em situações de vulnerabilidade é possível visualizar a agência dos migrantes e humanizar as migrações.

No que diz respeito à escolha e à abordagem de fontes, os guias salientam que uma diversidade de interlocutores migrantes pode garantir que diferentes histórias sejam contadas, além de possibilitar que os contextos não sejam abordados somente pelos mesmos porta-vozes, que nem sempre são representativos como parecem.

É importante e necessário, nessa diversidade de sujeitos, sempre contemplar a questão de gênero.

Ao tratar sobre a conduta dos comunicadores junto às pessoas migrantes, os guias recomendam que os comunicadores sejam pacientes e sensíveis e que abordem os sujeitos com clareza e sinceridade, para que seja criado um ambiente de confiança. Alinhados aos discursos de Collier (1989) e Chen e Starosta (1996), que discutem a capacidade dos comunicadores em negociarem e respeitarem as diferenças culturais como uma competência para a comunicação intercultural, os guias sugerem que os comunicadores compreendam as características religiosas e culturais dos migrantes para que não haja falhas na comunicação, e que sejam respeitados os hábitos e as tradições dos sujeitos, posto que algumas situações, como um simples aperto de mão, podem ser ofensivas para determinadas culturas.

As dinâmicas de poder entre os comunicadores e os migrantes são problematizadas nos guias, que sugerem cuidado com tons paternalistas que remetem a certa superioridade moral ou intelectual, ou que possam vitimizar e exotizar os sujeitos. Os guias acentuam a importância dos comunicadores em manterem uma postura e um engajamento crítico frente à temática, principalmente no que envolve xenofobia e racismo. Em consonância com estudos de Alsina (1997), os guias destacam que o comunicador deve se distanciar de uma postura etnocentrista no tratamento midiático das migrações, respeitando a interculturalidade presente na sociedade.

Frente a possíveis barreiras linguísticas, os guias sugerem que os profissionais se esforcem para falar com os migrantes em seu primeiro idioma, como forma de facilitar a criação de um relacionamento, ou que contem com a participação de um intérprete para que a cobertura consiga abranger os mais diferentes idiomas. Além disso, apontam para a necessidade de verificar se tudo foi compreendido, para não conduzir os migrantes a uma resposta que não reflita aquilo que querem dizer. Isso reforça a preocupação dos guias para que a voz migrante esteja sempre presente, seja ouvida e corretamente interpretada.

Parte dos guias reforça a necessidade de formação e atualização contínua dos comunicadores a respeito das questões envolvidas na temática migratória, alinhado ao apontado nos estudos de Aznar (2004). Os guias destacam que a imprensa e o imediatismo em divulgar as informações precisam dar espaço para profundas investigações sobre as migrações. É importante que os comunicadores tenham conhecimento sobre os contextos históricos, políticos e socioeconômicos tanto dos países de origem dos migrantes quanto das sociedades receptoras, bem como sobre as leis e os direitos dos migrantes após chegarem nos países.

4.1.2 Produção de conteúdo

Os guias também apresentam boas práticas e práticas que devem ser evitadas na produção de conteúdo sobre a temática migratória. A orientação dos guias é que as migrações sejam abordadas a partir de toda a sua dimensão social, o que contempla a história, a constituição e o funcionamento das sociedades (Sayad, 1998), sendo discutidas transversalmente a outros acontecimentos e fenômenos, entre os quais saúde, educação e cultura, e não somente de forma isolada. Além disso, os guias reforçam a importância das migrações serem retratadas a partir de uma ótica universal, com um olhar global – como uma questão de direitos humanos que envolve diferentes países, e não como um problema relacionado a pessoas –, sem esquecer da perspectiva local, trazendo as migrações para as situações do cotidiano, o que pode aproximar a sociedade receptora dos sujeitos migrantes. Tais questões contribuem para que a migração seja vista como um fato e uma questão de bem público da humanidade (Rupar, 2021), e não como um evento.

Há uma extensa discussão, na maioria dos guias, a respeito da discriminação social dos migrantes como norma quase implícita, decorrente da representação por meio de estereótipos (Bhabha, 1998; Hall, 2016), sendo criminalidade, pobreza, vitimização e vulnerabilidade os aspectos mais recorrentes. A agência e a potência dos sujeitos precisam ser evidenciadas, enquanto questões que revitimizam ou focam nos momentos mais difíceis e traumatizantes das trajetórias migrantes devem ser evitadas. Os guias destacam que fatos isolados não podem ser relacionados a um grupo de migrantes, dado que as generalizações podem incitar o medo e a rejeição, e que tanto as pessoas migrantes quanto os motivos para migrar são diversos, não podendo ser encaixados em uma simplificação. É importante que situações que envolvem migrantes e criminalidade sejam contextualizadas, uma vez que delitos são cometidos por pessoas e não por grupos, culturas ou países.

É necessário falar das migrações como uma questão permanente nas sociedades, e não como um fenômeno temporário. Segundo os guias, as causas e as circunstâncias que originam os deslocamentos devem ser abordadas, dando visibilidade a ações junto à sociedade e a abusos aos direitos humanos ocorridos em países em conflito. Diante desse cenário, é recomendado, também, que sejam evidenciadas as responsabilidades dos países receptores e dos países reconhecidamente antimigração nos contextos de conflito dos países de onde provêm os migrantes.

A importância das trocas interculturais e da construção de vínculos das pessoas migrantes junto à sociedade receptora são destacadas de diferentes formas nos guias, indo ao encontro dos estudos de Collier (1989). Histórias que reconheçam as experiências dos migrantes para além de seus desafios e abordagens sobre aspectos culturais, contribuições sociais, econômicas e políticas para a sociedade receptora

são recomendadas pelos guias, que sugerem, também, que os sujeitos migrantes sejam apresentados como pessoas normais, com seus defeitos e qualidades, mas sempre agentes nas sociedades. Como forma de aproximar os sujeitos migrantes da sociedade recebedora, os guias sugerem que sejam discutidas semelhanças entre as questões culturais dos países de origem e de destino dos migrantes. Além disso, é necessário enfatizar a importância social e cultural de manifestações migrantes, para que enfoques exóticos ou folclóricos não se sobressaíam.

Os guias recomendam que as pessoas migrantes e as pessoas refugiadas não sejam relacionadas à pobreza, correlação que gera rejeição mais ao pobre do que ao migrante, já que atletas, artistas e demais profissionais bem-sucedidos que são migrantes não enfrentam rejeição e normalmente são bem integrados à sociedade. É sugerido cautela na abordagem de etnias, que precisam sempre ser nomeadas e tratadas a partir de aspectos que reforcem positivamente suas origens e sua cultura. Alguns guias, por outro lado, sugerem que sejam evitados tanto o uso de etnia quanto o de nacionalidade para se referir aos sujeitos migrantes, uma vez que são questões que podem fomentar a xenofobia e o racismo, sugerindo o uso somente se for essencial para a compreensão do conteúdo. Ao abordar a diversidade de outros países, como os pertencentes ao continente africano, os guias destacam que as características não devem ser padronizadas para que o continente não seja visto de uma forma única, posto que cada país tem suas particularidades sociais, culturais, políticas e econômicas.

4.2 A interculturalidade na percepção dos migrantes

Os interlocutores da nossa pesquisa reconhecem que a compreensão da sociedade sobre as migrações passa pela forma como a mídia constrói as narrativas sobre os sujeitos migrantes. No caso das migrações, o imaginário da ameaça, da desordem e do sofrimento estão cristalizados como característicos dos sujeitos migrantes, e como sugerem os estudos de Hall (2016), há inúmeras dificuldades para desafiar o reducionismo dos estereótipos. Mudanças na forma de falar sobre a temática migratória não alteram rapidamente a percepção da sociedade sobre as migrações, mas podem ajudar a contestar os regimes de representação e a normalizar a presença dos sujeitos migrantes na sociedade. Na percepção dos entrevistados, é necessário falar mais sobre as causas que levam os sujeitos a migrar; sobre as contribuições econômicas, sociais e culturais dos migrantes, com um discurso que não vitimize ou subalternize os sujeitos; e sobre as vivências dos sujeitos que aproximam sua realidade ao cotidiano da sociedade. O foco, porém, não pode estar somente na alteridade aceita pela sociedade, mas na diversidade como um todo.

4.2.1 A invisibilidade da condição migrante

O não pertencimento do migrante à sociedade é enfatizado por Vene, que aborda em seu relato a exclusão e a ausência dos migrantes na comunicação direcionada à sociedade em geral. Segundo Vene, a mídia brasileira se refere o tempo todo somente aos nacionais, sem abranger as diferenças (García Canclini, 2014), em um apagamento da interculturalidade e da diversidade da sociedade. A escolha em não representar o outro na mídia pode ser uma estratégia para mantê-lo invisível na sociedade. Vene também critica a falta de informações, na mídia brasileira, referente a políticas públicas e ao acesso a serviços que se estendem aos migrantes residentes no Brasil. Sua fala aponta para a invisibilidade e o esquecimento da condição migrante, que atravessa os sujeitos independentemente de sua condição documental e jurídica.

4.2.2 Acerca dos estereótipos na comunicação sobre as migrações

Na percepção dos entrevistados, os discursos que tratam da alteridade e do outro migrante são construídos, majoritariamente, a partir de visões estereotipadas, em que o migrante aparece algumas vezes como vítima e em outras como uma ameaça à sociedade. Essa representação das migrações, que remetem a um problema, é um padrão recorrente, percepção que vai ao encontro da literatura sobre as migrações nas mídias (Brignol & Costa, 2018; Cogo & Silva, 2016; Escudero, 2020; Espinel-Rubio *et al.*, 2021; Pogliano, 2016). A construção dessas narrativas, na visão da maioria dos sujeitos entrevistados, tende a promover um consenso sobre as migrações, que pode provocar a discriminação e a exclusão dos migrantes na sociedade.

Em suas pesquisas, Rugar (2021) enfatiza a necessidade de conscientização da mídia para que as migrações sejam tratadas como uma questão, como um processo. Para Conra, há momentos específicos em que a condição migrante e as migrações são abordadas na mídia, como desastres ambientais, guerras e graves violações dos direitos humanos – contextos em que as migrações ganham visibilidade associadas às ideias de crise (Brignol & Curi, 2021), de dor, de sofrimento e de conflitos com as sociedades receptoras. Além disso, alguns dos entrevistados que já foram acionados pela mídia criticam a atuação de comunicadores por deduzirem uma condição de vulnerabilidade e de subalternidade mesmo antes de conhecerem os migrantes e por focarem especificamente nos episódios de sofrimento dos sujeitos.

Vene reconhece o viés de quantidade presente nos discursos midiáticos (Cogo, 2001; Van Dijk, 2005), o que, em sua percepção, está relacionado às futuras demandas dos migrantes e ao impacto que será gerado na sociedade a partir de sua chegada. Rupe também salienta que os discursos midiáticos relativos aos migrantes são carregados de preconceito, o que, em sua visão, desempodera e precariza ainda mais a situação dos sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade. Ela critica,

também, a forma como a mídia se refere aos migrantes em geral, que em sua percepção vitimiza e subalterniza os sujeitos.

A postura acusatória da sociedade frente à possível demanda dos migrantes aos Estados é uma das características evidenciadas por Chas Critcher (2017) em seus estudos sobre pânico moral relacionado a pessoas migrantes, assim como o envolvimento com a criminalidade. As percepções de Vene, Inter, Cote e Conra sobre as narrativas midiáticas a respeito das migrações vão ao encontro das constatações do pesquisador. Segundo os migrantes, a primeira informação a ser divulgada quando ocorre algum delito envolvendo um migrante é a sua nacionalidade, sugerindo que todo um grupo de migrantes está relacionado à criminalidade. Ao longo da entrevista, Vene já havia mencionado que percebe que a mídia sempre se refere aos sujeitos migrantes a partir da nacionalidade ou como estrangeiros, o que vai de encontro às recomendações dos guias.

Para Conra, “se você focar apenas que são pessoas vinculadas à miséria, você inclusive tende a criar um medo, né, nas pessoas” (Conra). Esse foco voltado à miséria e às vulnerabilidades dos migrantes é mencionado também por Cote. Em sua percepção, a mídia francesa associa a migração de africanos e de pessoas pretas a problemas, com abordagens focadas na vulnerabilidade dos sujeitos e que remetem a uma xenofobia racializada (Faustino & Oliveira, 2022). Os atletas, que pela perspectiva de inclusão discutida por Hackl (2022) atendem a determinadas competências, também são lembrados por Cote. Entretanto, nem a seleção francesa de futebol, composta majoritariamente, em sua visão, por migrantes pretos, consegue mudar a imagem estabelecida na sociedade sobre o continente africano.

A percepção dos migrantes sobre os estereótipos se estende às narrativas midiáticas que envolvem os continentes e regiões de origem dos entrevistados. Kist reflete sobre os estereótipos relacionados aos países árabes e ao continente africano: “se eles [a mídia] falam da África, eles trazem um lado que só existe miséria, só existe fome, entendeu? Se falam dos nossos países, países da faixa da Arábia, Paquistão, Bangladesh, Afeganistão, Síria, só falam de terrorismo” (Kist).

Em seu relato, Beni destaca seu constrangimento ao se deparar com a falta de informação da sociedade e questiona o viés estereotipado escolhido pela mídia para falar sobre a África, através de uma simplificação da realidade que considera somente algumas características do continente – as mais negativas –, que envolvem pobreza e fome. Não é raro que os discursos midiáticos tragam uma versão única a respeito de regiões e continentes. Os estudos de José Lobato (2020) apontam para uma representação generalizada e padrão a respeito do Oriente Médio, evidenciada pela falta de distinção entre as questões socioculturais e os problemas políticos dos países.

Como destaca García Canclini (2014), a mídia é responsável pela distribuição da diversidade, e, muitas vezes, não há interesse em dar visibilidade a determinados países e culturas.

Os migrantes identificam que há versões reduzidas contadas sobre seus países, mas nunca a totalidade. Segundo Conra, há um exagero da mídia a respeito dos contextos de guerra no continente africano, e alguns detalhes dos países são referenciados como um todo nos discursos midiáticos. Para Bella e Kist, o receio da sociedade frente aos migrantes deriva daquilo que é divulgado nas mídias: o lado negativo dos países, em um recorte ou uma simplificação estereotipada. Enquanto Kist aponta que a principal referência midiática sobre o Paquistão é o terrorismo, a imagem de uma África selvagem e pobre é mencionada por Bella como a representação de seu país para a sociedade.

A percepção de Conra é que mesmo quando há uma tentativa de desconstrução de estereótipos (Hall, 2016), as generalizações na mídia permanecem. O continente africano, em sua visão, ganhou mais evidência a partir da Copa do Mundo de futebol de 2010, realizada na África do Sul, mas os estereótipos permaneceram caricaturais. Em seu relato, Conra discute o cenário político francês, em que a migração se transformou na principal pauta das eleições no país há mais de três décadas. É a partir desse contexto que ele questiona a necessidade em se falar das migrações na mídia, uma vez que, em sua percepção, um tema midiático pode se tornar um problema.

Ainda que sejam utilizadas como argumento político, as migrações precisam estar nas mídias. Não estamos falando de um problema, mas de uma dimensão de humanidade, que é transversal às sociedades e diz respeito à sua formação e ao seu funcionamento (Sayad, 1998). Uma convivência mais justa de diferentes culturas, costumes, tradições, religiões e grupos étnicos passa pelo diálogo e pela compreensão da interculturalidade (Cortina, 1997), e só a partir dessa compreensão é que há um reconhecimento do outro como sujeito. Entender as sociedades, assim, passa pela compreensão das migrações, e é papel da mídia –como nos lembra Aznar (2005)–, que orienta o imaginário social e configura simbolicamente o mundo, educar e conscientizar a sociedade através de uma comunicação mobilizadora.

4.2.3 A interculturalidade sob uma ótica diferente

Outras formas de falar sobre as migrações a partir de abordagens interculturais são mencionadas pelos entrevistados. Bella traz uma percepção alinhada ao que sugerem os guias e os estudos de Brignol e Curi (2021) e de Retis e Cogo (2021): para que a sociedade compreenda melhor a temática migratória, é necessário dar visibilidade à situação problemática de determinados países e às causas que levam os migrantes a deixarem seus países. Segundo Bella, não só as vivências dos sujeitos migrantes

na sociedade recebedora precisam ter destaque na mídia, mas também os motivos que os levaram a migrar e o contexto em que se encontravam em seus países de origem. A fala de Bella reforça, ainda, a importância da mídia em pautar a diversidade, a inclusão e a equidade nos contextos de migração (Retis & Cogo, 2021).

A dimensão economicista das migrações, que associa os sujeitos migrantes a trabalho (Cogo & Riegel, 2016), é mencionada a partir de diferentes leituras. Para Kist, a mídia precisa valorizar a perseverança, o sucesso e o mérito dos migrantes que prosperaram, e não mostrar suas vulnerabilidades. Pela perspectiva de Hackl (2022), no entanto, os critérios de aceitação da sociedade já partem de um lugar de produtividade, meritocracia e busca pelo sucesso. A imagem do migrante que prosperou, representação que Kist menciona como positiva, já é o comportamento esperado pela sociedade, ou seja, não há outra aceitação que não a desse sujeito migrante. A circulação dessas narrativas pode contribuir para a construção de um consenso sobre as migrações e ampliar a estigmatização dos migrantes que não atingem o patamar esperado, reforçando, na sociedade, a leitura de migrantes desejados e indesejados (Cogo, 2001).

Com uma visão mais crítica, Vene e Conra acreditam ser possível falar sobre as migrações a partir de uma outra perspectiva, considerando as contribuições das pessoas migrantes para a sociedade. Suas percepções, porém, apontam que até esses discursos vitimizam os sujeitos e sugerem uma condição de dependência dos migrantes para com a sociedade. Os entrevistados acreditam que até a imagem do “bom migrante” é pautada na subserviência, o que pode fundamentar a construção de pânico morais, já que está alinhada ao discurso do migrante que depende da sociedade e do Estado (Cricher, 2017).

5 Considerações finais

As descobertas desta pesquisa trouxeram inúmeras reflexões a respeito da temática migratória, das relações dos sujeitos migrantes com as mídias, da interculturalidade da mídia e do tratamento midiático das migrações em geral. A proposta do artigo era discutir os caminhos para uma abordagem intercultural no tratamento midiático das migrações em diálogo com a maneira como a interculturalidade é percebida por sujeitos migrantes partindo de duas frentes: uma análise de guias de comunicação sobre as migrações e um estudo de recepção com pessoas migrantes residentes no Brasil.

É importante ressaltar que nenhum dos guias analisados traz, de forma isolada, a totalidade dos parâmetros que apresentamos, assim como as considerações discutidas não partem de um mesmo migrante. Os guias destacam a importância de

uma produção de conteúdos fundamentada em uma comunicação intercultural, que reconhece e respeita a alteridade e promove espaços para o diálogo entre culturas. Além disso, apontam caminhos para uma comunicação comprometida com as pessoas migrantes, a partir de um comportamento ético e de um olhar humanizado dos profissionais para as questões que envolvem as migrações.

Em direção oposta, as falas dos migrantes apontam que, em geral, há uma ausência de parâmetros éticos e interculturais no tratamento midiático das migrações. Todos os entrevistados questionam a forma como vem sendo dada visibilidade aos temas; reconhecem que as pessoas migrantes e as migrações, nas narrativas midiáticas, estão quase sempre vinculadas a problemas; e se mostram bastante críticos quanto ao papel da mídia na construção dos discursos e da opinião pública. Entretanto, as percepções, as observações, os questionamentos e as sugestões dos migrantes sobre como deveria ser tratada a temática migratória nas mídias se aproximam do que é proposto pelos guias.

As perspectivas dos guias e as expectativas dos migrantes apontam para uma comunicação mobilizadora, mais adequada e comprometida com a temática migratória, considerada um dos desafios sociais da atualidade. A construção de uma mídia mais cidadã, mais sensibilizada, tem a promoção da humanidade como objetivo moral (Ward, 2021). Essa mídia mais cidadã passa por comunicadores que atuam com uma conduta sensível às diferenças culturais e com visão e engajamento críticos frente à temática migratória.

Os discursos sobre a temática precisam considerar uma perspectiva global, que olha para as migrações como um desafio social da atualidade que é transversal a todos os países. Além disso, as migrações precisam ser vistas pelo viés dos direitos humanos e como um processo contínuo e de formação das sociedades, não a partir de fatos isolados. Ainda, as narrativas precisam ser contextualizadas, principalmente aquelas que aproximam os migrantes de um enquadramento negativo, para que não incorram em generalizações. É necessário enfatizar as vivências, a agência e o protagonismo migrante por meio de histórias sobre o cotidiano e sobre as contribuições econômicas, sociais e culturais dos migrantes para a sociedade. São esses discursos que desafiam, aos poucos, os estereótipos já habituais sobre a temática, e se apresentam como caminhos para uma abordagem intercultural no tratamento midiático das migrações.

Referências

- Alsina, M. R. (1997). Elementos para una comunicación intercultural. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, 36, 11-21. https://www.cidob.org/en/articulos/revista_cidob_d_afers_internacionals/elementos_para_una_comunicacion_intercultural
- Aznar, H. (2005). *Ética de la comunicación y nuevos retos sociales: códigos y recomendaciones para los medios*. Paidós.
- Aznar, H. (2004). Nuevos códigos de ética y nuevas formas de entender el periodismo. *Revista Latina De Comunicación Social*, (59), 176-179. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2004/22>
- Baeninger, R., Machado Bógus, L., Bertino Moreira, J., Vedovato Duval Fernandes, L. R., Rovey de Souza, M., Siqueira, C., Guimarães Peres, R., Chang Waldman, T., Aires Magalhães, L. F. (Orgs., 2018). *Migrações Sul-Sul*. Unicamp.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. UFMG.
- Brignol, L. D., & Costa, N. D. (2018). La saga y el sufrimiento del otro senegalés: la construcción del racismo en representaciones mediáticas de la migración. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 0(138), 135-151. <https://doi.org/10.16921/chasqui.v0i138.3567>
- Brignol, L. D., & Curi, G. (2021). Repensar la noción de "crisis migratoria": Por una cobertura periodística ética y humanitaria de la dinámica de la movilidad humana. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 27(1), 63-72. <https://doi.org/10.5209/esmp.71464>
- Chen, G. M., & Starosta, W. J. (1996). Intercultural communication competence: A synthesis. *Annals of the International Communication Association*, 19(1), 353-383. <https://doi.org/10.1080/23808985.1996.11678935>
- Cogo, D. (2001). Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiatisação dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. *Comunicação & Informação*, 4(1/2), 11-32. <https://doi.org/10.5216/c&i.v4i1/2.23453>
- Cogo, D., & Brignol, L. D. (2014). Comunicação e transnacionalismo: implicações nos estudos de consumo e recepção das migrações contemporâneas. *Anais do XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación*. <https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT7-Cogo-Dutra-Brignol.pdf>
- Cogo, D., & Riegel, V. (2016). "I'm an immigrant": cosmopolitismo, alteridade e fluxos comunicacionais em uma campanha anti-xenofobia no Reino Unido. *REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 24(46). <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004603>
- Cogo, D., & Silva, T. (2015). Entre a "fuga" e a "invasão": alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. *Revista FAMECOS*, 23(1). <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.21885>
- Collier, M. J. (1989). Cultural and intercultural communication competence: Current approaches and directions for future research. *International Journal of Intercultural Relations*, 13(3), 287-302. [https://doi.org/10.1016/0147-1767\(89\)90014-x](https://doi.org/10.1016/0147-1767(89)90014-x)
- Cortina, A. (1997). *Ciudadanos del mundo. Hacia una teoría de la ciudadanía*. Alianza Editorial.
- Couldry, N. (2006). *Listening beyond the echoes: Media, ethics, and agency in an uncertain world*. Routledge.

- Critcher, C. (2017). *Moral panics*. Oxford research encyclopedia of criminology. <https://oxfordre.com/criminology/display/10.1093/acrefore/9780190264079.001.0001/acrefore-9780190264079-e-155>
- Duarte, J. (2010). Entrevista em profundidade. In: J. Duarte, & A. Barros, (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. (2ª ed.; pp. 62-83). Atlas.
- ElHajji, M. (2023). *O intercultural migrante: teorias e análises*. Fi.
- Escudero, C. (2020). A narrativa midiática de um processo transnacional: a imigração venezuelana para o Brasil por reportagens jornalísticas. *Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo*, 7(1), 1-17. <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14933>
- Escudero, C. (2019). A voz da mulher imigrante no debate público sobre o 'Projeto pró-cesárea no SUS' em São Paulo a partir da perspectiva da comunicação intercultural. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 13(4). <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1850>
- Espinel Rubio G. A., Mojica-Acevedo E. C. & Niño-Vega N. C. (2021). Narrativas sobre mujeres migrantes venezolanas en un diario en línea de la frontera colombiana. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 27(1), 95-109. <https://doi.org/10.5209/esmp.71471>
- Faustino, D., & Oliveira, L. M. (2022). Xenofobia ou xenofobia racializada?: Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. *REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 29(63), 193-210. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>
- Figaro, R., & Grohmann, R. (2015). A recepção serve para pensar: é um "lugar" de embates. In: *Anais do 24º Encontro Anual da Compós*. <https://proceedings.science/compos/compos-2015/trabalhos/a-recepcao-serve-para-pensar-e-um-lugar-de-embates?lang=pt-br#>
- García Canclini, N. (2009). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. (3a ed.). Editora UFRJ.
- García Canclini, N. (2014). El horizonte ampliado de la interculturalidad. In: A. Appadurai, A. Sen, N. García Canclini, L. Reygadas, E. Nivón, J. P. de Oliveira, *Diversidad cultural, desarrollo y cohesión social*, 96-111. Centro de Recursos Interculturales, Ministerio de Cultura de Perú. <http://bdjc.iiia.unam.mx/items/show/355#lg=1&slide=0>
- Georgiou, M. (2018). Does the subaltern speak? Migrant voices in digital Europe. *Popular Communication*, 16(1), 45-57. <https://doi.org/10.1080/15405702.2017.1412440>
- Gomes, I. M. M. (2004). *Efeito e recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media*. E-papers.
- Grimson, A. (2001). *Interculturalidad y comunicación*. Editorial Norma.
- Hackl, A. (2022). *Good immigrants, permitted outsiders: conditional inclusion and citizenship in comparison*. *Ethnic and Racial Studies*, 45:6, 989-1010. <https://doi.org/10.1080/01419870.2021.2011938>
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. Ed. PUC-Rio; Apicuri.
- Lesser, J. (2001). *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Ed. Unesp.

- Lobato, J. A. M. (2020). Leituras críticas da alteridade: mediação e recepção de narrativas audiovisuais por imigrantes e refugiados. *Anais do 29º Encontro Anual da Compós*. <https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/leituras-criticas-da-alteridade-mediatizacao-e-recepcao-de-narrativas-audiovisua?lang=pt-br>
- Pogliano, A. (2016) News Media and Immigration in the EU: Where and How the Local Dimension Matters. In: Pastore, Ferruccio; Ponzo, Irene (ed.). *Inter-group Relations and Migrant Integration in European Cities*. Changing Neighbourhoods. IMISCOE Research Series, 151-176.
- Retis J., & Cogo D. (2021). Periodismo de migraciones: Producción y consumo de narrativas sobre movilidad humana en tiempos de incertidumbre y plataformas digitales. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 27(1), 1-12. <https://doi.org/10.5209/esmp.73743>
- Rupar, V. (2021). Revisiting the public interest: Journalism and the global immigration crisis. In: S. J. A. Ward (Ed.), *Handbook of global media ethics* (pp. 695-710). Springer.
- Sayad, A. (1998). *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Edusp.
- Silverstone, R. (2005). *Por que estudar a Mídia?* Edições Loyola.
- Van Dijk, T. A. (2005). Nuevo racismo y noticias: Un enfoque discursivo. In: M. Nash, R. Tello, & N. Benach (Orgs), *Inmigración, género y espacios urbanos. Los retos de la diversidad* (pp. 33-55). Edicions Bellaterra.
- Winocur, R. (2013). Los diversos digitales y mediáticos que nos habitan cotidianamente. In: K. Bidaseca, A. Grimson, (Orgs), *Hegemonía cultural y políticas de la diferencia* (pp. 245-261). CLACSO.